

## RECURSOS ARQUEOLÓGICOS DA PROVÍNCIA DE BENGUELA: SUA INSERÇÃO NO ROTEIRO DO TURISMO CULTURAL EM ANGOLA

Manuel Francisco Bandeira, PhD. Doutor em Ciências Económicas e Empresariais, Professor Associado do Departamento de Ciências da Natureza (DCN) do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED de Benguela) e do Instituto Superior Politécnico de Benguela (ISPB).  
manuel\_bandeira2003@yahoo.com.br; manuel.bandeira@ispbenguela.com

Luisa Mateus Hatonda, MsC. Licenciada em Educação na especialidade de Geografia, Mestre em Ordenamento do Território e Meio Ambiente, Professora do II Ciclo de Ensino em Benguela.

Fernando Fançony Santos Lic. Licenciado em Informática Técnico de Pesquisa em Arqueologia do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela.

### RESUMO

O valor atribuído ao património arqueológico dos lugares, pode ampliar a oferta de produtos e serviços turísticos singulares numa região e arrastar uma demanda de turistas interessados na análise e interpretação da cultura material, legado dos antepassados expressa nos objetos e artefatos e inserindo-os na vida actual. A província de Benguela, possui recursos turísticos histórico-culturais potenciais, fora do circuito (roteiro) turístico, que devem ser potenciados na perspectiva de sua rentabilização económica. Neste grupo, se inclui as estações arqueológicas, museus e sítios que revivem a vida dos ancestrais. Este artigo visa identificar, caracterizar e valorizar o património arqueológico local, como recurso turístico de grande valor e potenciar o arqueoturismo ou turismo arqueológico e colocá-lo no roteiro do turismo cultural da província. A investigação utilizou a análise bibliográfica, investigação descritiva-exploratória e o trabalho de campo. A análise qualitativa-comparativa permitiu conhecer os diferentes lugares e relacioná-los com o turismo cultural com especial referência ao arqueoturismo.

**Palavras-chave:** Estações arqueológicas, Recursos turísticos, Arqueoturismo, Turismo sustentável.

## **ABSTRACT**

The value attributed to the archaeological heritage of places can expand the offer of unique tourist products and services in a region and drag a demand of tourists interested in the analysis and interpretation of material culture, a legacy of ancestors expressed in objects and artifacts and inserting them into life current. The province of Benguela has potential historical and cultural tourist resources, outside the tourist circuit (itinerary), which should be boosted in the perspective of its economic profitability. This group includes archaeological sites, museums and sites that relive the lives of ancestors. This article aims to identify, characterize and enhance the local archaeological heritage as a tourist resource of great value and enhance archeotourism or archaeological tourism and place it in the province's cultural tourism itinerary. The investigation used bibliographic analysis, descriptive-exploratory research and field work. The qualitative-comparative analysis allowed us to know the different places and relate them to cultural tourism, with special reference to archtourism.

**Keywords:** Archaeological sites, Tourist resources, Archaeotourism, Sustainable tourism.

## **RESUMEN**

El valor atribuido al patrimonio arqueológico de los lugares puede ampliar la oferta de productos y servicios turísticos únicos en una región y arrastrar la demanda de turistas interesados en el análisis e interpretación de la cultura material, un legado de antepasados expresado en objetos y artefactos e insertándolos en la corriente de la vida. La provincia de Benguela cuenta con potenciales recursos turísticos históricos y culturales, fuera del circuito turístico (itinerario), que conviene potenciar en la perspectiva de su rentabilidad económica. Este grupo incluye sitios arqueológicos, museos y sitios que reviven la vida de los antepasados. Este artículo tiene como objetivo identificar y valorizar el sitio del patrimonio arqueológico como un recurso turístico de gran valor y potenciar el arqueoturismo o el turismo arqueológico y colocarlo en el itinerario de turismo cultural de la provincia. La investigación utilizó análisis bibliográfico, investigación descriptiva-exploratoria y trabajo de campo. El análisis cualitativo-

comparativo nos permitiu conhecer los diferentes lugares y reportarlos al turismo cultural, con especial referencia al arqueoturismo.

**Palabras clave:** Sitios arqueológicos, Recursos turísticos, Arqueoturismo, Turismo sostenible.

## INTRODUÇÃO

Actualmente se observa um grande interesse dos turistas em visitar lugares relacionados com o turismo cultural, segmento que cresce continuamente com viagens orientadas para os grandes centros urbanos, sobretudo nas cidades históricas e nos espaços rurais onde, todavia se conserva um legado de hábitos, costumes e tradições. Neste contexto, surge uma corrente interessada em visitar aqueles lugares onde foram descobertas estruturas e artefactos de antigas culturas de modo a converter estes lugares em destinos turísticos com grande atratividade para vários tipos de visitantes. Surge assim, o denominado *Turismo Arqueológico* ou *Arqueoturismo* que “consiste em viagens motivadas pelo desejo de conhecer aspectos de culturas passadas, com a intenção de visitar locais onde há vestígios materiais do processo evolutivo humano, tais como sítios arqueológicos, seja pré-históricos ou históricos, seja terrestres ou subaquáticos”(Nobrega; Araújo, 2015; Aleixo, 2010; Widmer, 2009; Manzato, 2005, citado em Falcão *et al;* 2018).

Cabe destacar que o turismo arqueológico não é um fenómeno recente, se trata de um tipo de turismo que já existia na sociedade pré-moderna (Melotti, 2007:3). Como tem sido mencionado, é uma certeza que o turismo arqueológico está na pura essência do turismo, já que as primeiras viagens do *Grand Tour* tinham como principal objectivo conhecer as ruínas de Itália e Grécia legados das culturas clássicas (Moreno Melgarejo e Seriego López, 2017).

Para Angola, em particular o caso da província de Benguela, o crescimento e o desenvolvimento sustentável do sector turístico passa necessariamente pela diversificação da oferta de produtos e serviços turísticos, sendo urgente criar pacotes turísticos que priorizem o fomento das diferentes modalidades turísticas em que se inclui o *arqueoturismo* porque Benguela é de facto, o centro dos estudos de Arqueologia em Angola, representado pelo Museu Nacional de

Arqueologia, na medida em que têm várias estações arqueológicas de grande valor científico e cultural que podem ser potenciados a favor do turismo local pela via do arqueturismo.

Tendo em conta o contexto e realidade do espaço territorial da província de Benguela e por via da pesquisa bibliográfica e documental, somado ao trabalho de campo-visita *in loco* e uma série de entrevistas a alguns professores de história, técnicos do Museu Nacional de Arqueologia e afins, este trabalho analisa alguns conceitos básicos sobre o património arqueológico na perspectiva de que alguns espaços arqueológicos identificados na província de Benguela, possam ser transformados em recursos turísticos e potenciar a modalidade de arqueoturismo.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

A investigação destaca a análise bibliográfica de referências teóricas internacionais e locais sobre o tema. Recurso ao trabalho de campo através das Excursões Geográficas e entrevistas estruturadas a expertos em arqueologia, professores de história, historiadores, técnicos do turismo, intelectuais e população local. Foram aplicados modelos de questionários que permitiu a recolha de informações e dados valiosos. A cartografia temática (mapas) permitiu a localização das estações arqueológicas e sítios de interesse no espaço territorial da província. A análise e a síntese foi fundamental para o desenho da estrutura final do trabalho.

## ARQUEOLOGIA, RECURSO TURÍSTICOS E TURISMO ARQUEOLÓGICO

A arqueologia tem estreita relação com as ciências sociais na medida que compartilham um objetivo comum: *“A arqueologia é, em parte, o descobrimento dos tesouros do passado, o trabalho meticuloso do analista científico e o exercício da imaginação criativa. Mas é também a tarefa esmeralda de investigação que nos permite entender o significado dos restos da cultura material na história da humanidade”* (Renfrew e Bahn, 1993:9). Os recursos arqueológicos devem ser considerados como matéria prima necessária para

transformar os atractivos turísticos de natureza arqueológica (estações e sítios arqueológicos) em recursos turísticos.

É evidente que uma estação arqueológica sem a agregação dos serviços, não terá a atractividade para o público visitá-lo. Neste sentido, uma estação arqueológica não pode converter-se em recurso turístico se não for objecto de uma intervenção para garantir sua conservação e de um acondicionamento que permita a compreensão por parte do visitante. Cabe destacar que nos jazigos arqueológicos, existem tipos de recursos que podem articular uma oferta do turismo arqueológico. Eis os recursos que podem ser incluídos no grupo dos recursos turísticos arqueológicos (Moreno Mergarejo e Sariago López, 2017):

- Estações e conjuntos arqueológicos que contam com uma gestão turística específica que garante sua preservação, conservação, com valor acrescentado e oferecem serviços básicos aos usuários;
- Os museus e centros de interpretação que tenham uma temática relacionada com a arqueologia;
- As salas arqueológicas associadas a estações arqueológicas, museus ou centros de interpretação;
- As rotas (roteiros) arqueológicos estruturados sob um eixo temático relacionado com a arqueologia;
- Os eventos e festivais relacionados com a arqueologia que sejam realizados nos espaços monumentais ou espaços anexos;
- Participação activa em trabalhos de investigação (trabalhos de campo de estudantes e/ou aficionados, campanhas de escavações de verão e outras actividades afins);
- Os lugares arqueológicos são em síntese, os recursos mais importantes na hora de estruturar serviços e productos turísticos relacionados com a arqueologia.

Os recursos arqueológicos são algumas das principais atracções de países como o Egipto, Grécia, Itália, México e Perú entre outros países, onde seus patrimônios arqueológicos são reconhecidos mundialmente e atractivos para milhares de turistas por ano. Assim, o turismo funciona como significativo meio de geração de renda para esses países (Scatamacchia, 2005).

Os sítios arqueológicos e suas actividades associadas se transformam em recursos turísticos, formando parte de um destino turístico por direito próprio sempre e quando exista uma gestão específica, resulta necessário compreender melhor as implicações económicas desta crescente indústria. Na prática, o turismo está influenciando notavelmente a arqueologia e em alguns casos os arqueólogos se transformam em actores essenciais no processo de desenvolvimento turístico, em função dos sítios em que trabalham (Ortega López e Callado Moreno, 2018).

Movidos pelo Turismo de Interesse Especial (TIES), cresce a escala mundial uma corrente de turistas que surgiu nos anos oitenta; um segmento relevante que prioriza a sustentabilidade e procura conhecer o passado histórico (pré-história), visitando lugares relacionados com descobertas de estruturas antigas, artefactos de antigas culturas e aspectos associados relacionados com a arqueologia, daí o surgimento do **Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo**, cujo objetivo principal é promover o interesse público na arqueologia e conservação do património arqueológico. *“O arqueoturismo ou turismo arqueológico é uma modalidade em que se apresentam actividades, productos e serviços culturais e turísticos em que a arqueologia é o ingrediente principal e o objeto da motivação para realizar a viagem, na proximidade, média ou longa distância”* (Tresserras, 2004: 2).

Se pode considerar uma modalidade turística própria especializada dentro do turismo cultural quando a visita aos recursos turísticos arqueológicos é principal motivador da viagem do turista. Normalmente as principais motivações relacionadas com a Arqueologia são as seguintes: a) os que se deslocam a uma determinada estação arqueológica ou localidade para descobrir o património arqueológico, b) os que realizam um tipo de turismo museístico e parte da motivação do deslocamento é conhecer a cultura material arqueológica dos museus, c) os que viajam para adquirir peças arqueológicas, manuscritos, obras de arte e outros. Cabe referir que apesar do interesse de compra, a motivação arqueológica é que determina a viagem (Citado por Ortega López e Callado Moreno, 2018).

Se pode perceber que os vestígios arqueológicos funcionam como um diferencial competitivo devido a sua singularidade, no actual cenário até certo

ponto massificado e repetitivo, tendo em vista o contacto com um produto singular que enriquece a experiência, além de oferecer novos aprendizados. E ainda, há o facto do aspecto de fomento sustentável para as comunidades próximas dos sítios, de modo a propiciar o reconhecimento de suas origens, reforçando o sentimento de pertença e de identidade (Abadia; Rambelli, 2013, citado por Falcão *et. al;* 2018). No processo de planificação do turismo é imperioso não perder de vista a perspectiva da diversificação da oferta de produtos e serviços turísticos a fim de obter vantagens competitivas e contribuir para a promoção do património cultural a favor do crescimento e do desenvolvimento socioeconómico local, sobre tudo, nas comunidades de destino com potencial de recursos arqueológicos.

#### ARQUEOLOGIA EM ANGOLA: MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DA PROVÍNCIA DE BENGUELA

Se reitera que o turismo arqueológico ou arqueoturismo é uma modalidade em que se apresentam propostas e productos culturais e turísticos em que a arqueologia é o ingrediente principal. Certo é que no imaginário, quando se fala do turismo arqueológico vem na mente imagens do Egipto, Grécia, Itália, Tunísia, Turquia, México ou Perú (Tresserras, 2004). A luz do exposto, são poucos os turistas e até mesmo arqueólogos e investigadores que associam Angola e a província de Benguela como destino potencial do arqueoturismo. Neste sentido, cabe destacar que Angola tem a cidade de “Mbanza Kongo<sup>1</sup> como Património Mundial da Humanidade” declarado pela UNESCO reflexo do seu valor histórico-cultural vinculado a estudos arqueológicos na perspectiva de se encontrar mais informações, vestígios e artefactos de grande valor, do antigo Reino do Kongo, para colocar este património relevante, entre os destinos de arqueoturismo mais visitado no continente africano e no mundo.

---

<sup>1</sup>Mbanza Kongo foi declarado Património Mundial da Humanidade no dia 8 de Julho de 2017, na 41.ª Sessão do Comité do Património Mundial da UNESCO. O projecto “*Mbanza Kongo, cidade a desenterrar para preservar*” destaca a importancia desta estação arqueológica de referencia, deve ser potenciado como recursos turístico singular, inserido na modalidade de arqueoturismo (turismo histórico-cultural).

Outra estação de referência que existe em Angola, é a famosa estação arqueológica de Tchitundo-Hulo<sup>2</sup>. O lugar é considerado património histórico-cultural; conhecido como pinturas rupestres, um dos mais belos conjuntos rupestres da Pré-História de Angola, um sítio onde abundam representações de animais e desenhos esquematizados (Everdosa, 1974).



Imagens da edificação e escavações efectuadas na parte histórica da cidade de Nbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo, actualmente Património Cultural Mundial da Humanidade.

#### Museu Nacional de Arqueologia

O Museu Nacional de Arqueologia está localizado na marginal do litoral da cidade de Benguela (Praia Morena). A parte frontal está situada na rua 4 de Fevereiro, a parte lateral direita na Avenida Comandante Kassanji, a parte lateral esquerda na Rua Sacadura Cabral e a parte traseira, no Largo Aníbal de Melo (Coordenadas Geográficas: S12°34'49,3"; E13°23'39,6").

O Museu é uma imponente obra do século XVII-XVIII, período ligado a “Era do Tráfico de Escravos em Angola”, lugar onde os ex-escravos eram “armazenados” temporariamente, até serem exportados para o exterior, em navios negreiros para diversas partes da Europa e da América. O edifício tem uma área de construção de aproximadamente de 4.000m<sup>2</sup> e um lote com cerca de 10.000m<sup>2</sup>. Foi construído à base de blocos de pedra calcária, telha Marselha para a cobertura do tecto, portões e gradeamentos de ferro maciço. No século XIX, o edifício do Museu pertenceu a Alfandega. Após a Independência de Angola em 1975, foi entregue para, inicialmente, conservar os objectos

---

<sup>2</sup>Tchitundo-Hulo é um morro granítico situado no município do Virei, localizado 137 km a leste de Moçamedes, na província do Namibe. A estação tem mais de quatro mil anos, datados do Paleolítico e Neolítico e atribuídas a povos que habitavam o local, antes da chegada dos bantús; sendo portanto, o ponto de partida das artes rupestres de África que tem o seu início na província do Namibe. Cabe destacar que há esforços do país em inscrever este lugar, na lista do Patrimónios Mundiais da Humanidade (pt.m.wikipedia.org; 31/9/2019).

arqueológicos existentes. Pouco tempo depois, foi criada a Equipa de Pesquisa Arqueológica que sob direcção do Fundador-Arqueólogo-Conservador, Luís Pais Pinto, se iniciou as investigações por todo território nacional. O Museu têm como seu património 66 estações arqueológicas e um acervo composto por cerca de 9.600 peças inventariadas, variado entre seixos, choppers, chopping-tool, bifaces, picos, raspadores, machadinhas, lascas diversas, lâminas, trinchantes, núcleos, lasca levallois, percutores, mós, ossos fossilizados e não fossilizados, cerâmica, missangas feitas de conchas de ostras, macutas (moedas metálicas), entre outros objectos. Está classificado como Monumento Histórico-cultural Nacional no Diário da Republica Nº 203, I Série de 28 de Agosto de 1981 (Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

A partir da sua criação, o Museu se transforma numa instituição de carácter de investigação científica, de formação e capacitação, de conservação e difusão e informação da Arqueologia em Angola, tendo entre os seus objectivos fundamentais a educação e instruir o cidadão através de exposições permanentes e temporárias e dando a conhecer o resultado dos trabalhos das pesquisas realizadas em Angola.

Museu Nacional de Arqueologia de Benguela



Vista frontal e lateral do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela

#### Principais Estações Arqueológicas na Província de Benguela

A província de Benguela tem vários Complexos e Estações Arqueológicas cuja sua conservação e preservação é imperiosa, com o objetivo de assegurar que as futuras gerações possam conhecer o legado dos nossos antepassados, pois estes sítios estão classificados como Património Histórico-Cultural. Nesta

perspectiva, se apresenta a síntese das características das principais estações arqueológicas identificadas na província de Benguela<sup>3</sup>.

**Nome:** Complexo Arqueológico de Benguela

**Localização e área:** Localizado no Vale do Uche, 13° 23' E - 12° 36' S -

**Área:** 800 Hectares.

**Características:** É uma estrutura feita de pedra, tijolo de cerâmica, união com argamassa e revestida. Característica típica de um forno que tinha como objectivo a queima de minério para o fabrico da cal, matéria-prima usada na construção civil e não só. O lugar é considerado como monumento histórico-cultural. Os arquivos destacam que em 1991 foram feitos no lugar, os primeiros trabalhos de prospecção e escavações arqueológicas onde foi encontrado muito material lítico na quadrícula e superfície.

**Nome:** Complexo Arqueológico do Mormolo.

**Localização e área:** Localizado a NE da Baía Farta, 13° 14' E - 12° 37' S.

**Área:** 1.650 Hectares.

**Características:** Trata-se de um complexo arqueológico do paleolítico que se encontra localizado na região da Baía-Farta, no Rio Mormolo. Este complexo é rico em peças líticas talhadas, principalmente Chopper, Núcleos, Lascas, Conchas e Ossadas de animais. Os objectos encontrados são o resultado dos trabalhos arqueológicos realizados no ano de 1984. Actualmente encontra-se parcialmente inactiva, pois a Administração local, talhou para venda de lotes urbanísticos. Também é considerado como património histórico-cultural.

**Nome:** Estação Arqueológica da Ponta das vacas

**Localização:** Localizado a Este da Baía Farta, 13° 15' E - 12° 37' E - **Área:** 50 Hectares.

**Características:** É uma estação arqueológica do paleolítico, um complexo que se encontra na região da Baía-Farta, na zona denominada ponta das vacas, porque em tempos idos era local de pasto das vacas. Face ao número considerável de vacas que aí se concentravam, os colonos deram essa

---

<sup>3</sup> Elaborado à partir do Despacho N°115/96, 6 de Setembro.

denominação. O complexo é rico em peças líticas talhadas principalmente Chopper, Núcleos, Bifaces, Lascas, Conchas e Ossadas de animais. Os objectos encontrados são fruto dos trabalhos arqueológicos realizados no ano de 1979. Actualmente a estação encontra-se parcialmente inactiva, por falta de recursos financeiros e trabalhos de campo afins. Também pertence ao grupo do Património histórico-cultural.

**Nome:** Complexo Arqueológico do Dungo

**Localização:** Localizado a SE da Baía Farta, 13° 10' E - 12° 40' S - **Área:** 5.000 Hectares.

**Características:** Trata-se de uma das principais estações arqueológicas existente na província de Benguela; complexo arqueológico denominado Dungo por se encontrar no rio Dungo. O lugar é em parte, conhecido desde 1950 devido a presença do material lítico de superfície. Vários geólogos assinalaram a presença de “belas peças de uma indústria paleolítica” em níveis considerados como paleo-praias. A noção de paleo-praia foi interpretada de duas maneiras: praias elevadas (levantadas) pela acção tectónica ou então praias que correspondem a uma elevação do nível do mar. É preciso acrescentar que as estações (Dungo IV, Dungo XII, por exemplo), encontram-se a ± 90 -100 metros acima do nível atual das águas do mar. Recentemente, foram encontrados mais de trinta amostras de dentes fossilizados da espécie marinha Megalodonte, no local específico, denominado Dungo 13.

**Nome:** Complexo Arqueológico da Cachama

**Localização:** Localizado a SW da Baía Farta, 13° 12' E - 12° 38' S – **Área:** 750 Hectares.

**Características:** O complexo arqueológico da Cachama encontra-se localizado a cerca de 3 km a Sul da Baía-Farta, na estrada Baía-Farta-Macaca. O complexo foi posto a descoberto graças a um corte feito para construção da estrada. Duas estações foram escavadas nos anos 1980, Cachama 1 e Cachama 3. Na Cachama 1 uma quadricula de 161 m<sup>2</sup> foi escavada até uma profundidade de 2 metros. Os resultados são importantes na medida em que se trata de um concheiro de origem antrópica com vários tipos de conchas, restos de peixe, de

pequenos animais e de vestígios de cultura material como cerâmica, fragmentos de ferro, contas (ou pérolas) feitas de conchas ou casca de avestruz. Na estação da Cachama 3, foi feita uma escavação de 112 m<sup>2</sup> com descobertas de materiais muito interessantes. Na superfície foram encontradas microlitos e fragmentos de cerâmica. A estratigrafia da Cachama 3 é similar a da Cachama 1 assim como o conteúdo arqueológico. Uma diferença importante entre as duas estações é que a cerâmica da Cachama 3 é mais antiga em relação a da Cachama 1. Do ponto de vista cronológico, datações C14 realizadas sobre carvão de madeira indicam uma idade antiga de mais de 2.000 anos para a ocupação das estações arqueológicas da Cachama.

**Nome:** Complexo Arqueológico do Pima

**Localização:** Localizado a SW da Baía Farta, 13° 13' E - 12° 40' E – **Área:** 600 Hectares.

**Características:** É um complexo arqueológico datado de 1981, com três estações arqueológicas do paleolítico actualmente não identificado, por falta de recursos financeiros para um trabalho de campo profundo. Nos trabalhos já realizados, nestas estações, foram encontrados muitas amostras de material lítico.

**Nome:** Complexo Arqueológico da Chimalavera

**Localização:** Localizado a SW da Baía Farta, 13° 7' E – 12° 47' S – **Área:** 12.000 Hectares.

**Características:** Trata-se de um complexo arqueológico datado de 1983, situado dentro de uma reserva natural, onde se fez trabalhos de prospecção e abertura de quadrículas. Dos trabalhos realizados encontrou-se muito material lítico como: Chopping-tool, percutor, raspadores grandes, lascas, núcleos, trinchantes e outros. É uma estação pouco explorado por falta de recursos financeiros (projectos).

**Nome:** Complexo Arqueológico da Chipupa

**Localização:** Localizado a SW da Baía Farta, 13° 15' E – 12° 46' S – **Área:** 900 Hectares.

**Características:** É uma estação arqueológica datada de 1983, do paleolítico, actualmente não identificado, por falta de recursos financeiros para realizar estudos (projectos). Nos trabalhos de campo já realizados nesta estação, foram encontrados muitos materiais líticos.

**Nome:** Estação Arqueológica do Sombreiro

**Localização:** Localizado a Sul de Benguela, 13° 18'' E – 12° 35'' S - Área: 50 Hectares.

**Características:** O Morro do sombreiro é um monumento histórico-cultural e ambiental (um farol e uma capela no alto de um morro). A história do morro do sombreiro é, talvez, mais antiga que a fundação da cidade. Foi ao longo dos séculos um importante ponto de referências á navegação. No local, fora construído, pelos portugueses, um forte para defender a cidade de prováveis ataques, principalmente nos finais do século XVIII (Inexistente). O farol do morro do sombreiro foi instalado, provavelmente em 1884 e se encontra localizado, especificamente na praia da Caóta.

**Nome:** Estação Arqueológica do Chitondo

**Localização:** Localizado a SW do Dombe Grande, 13° 12'' E - 13° 1'' S – Área: 5 Hectares.

**Características:** É uma estação arqueológica datada de 1980, do paleolítico actualmente não identificado, por falta de recursos financeiros para realizar estudos (projectos) para o efeito. Nos trabalhos de campo já realizados nesta estação, foram encontrados, pouco material lítico.

**Nome:** Estação Arqueológica do Cimo

**Localização:** Localizado na margem direita do rio Cimo, 13° 56'' E – 13° 20'' S – Área: 2 Hectares.

**Características:** É uma estação arqueológica do paleolítico. Actualmente não identificado, por falta de recursos financeiros para realizar estudos (projectos) afins. Nos trabalhos de campo realizados em 1979 nesta estação, foram encontrados poucas amostras de material lítico.

**Nome:** Estação Arqueológica do Abrigo 1 da Ganda

**Localização:** Localizado a SW da Ganda, 13° 42' E – 13° 2' - **Área:** 2 Hectares.

**Características:** Trata-se de uma estação arqueológica datada de 1973, antes da Independência de Angola (1975), não identificado actualmente por falta de recursos financeiros (projectos) para prosseguir com trabalhos de campo. Nesta estação encontramos poucas amostras de material lítico.

Entre outras Estações Arqueológicas que existem em Benguela, não menos importantes, destacamos as seguintes: a) Estação Arqueológica do Lué, localizado a SW da Ganda, 14° 49' E - 13° 19' S, com uma área de 5 Hectares; b) Estação Arqueológica de Tchitovava, localizada a Norte do Alto Catumbela, 14° 45' E - 12° 57' S, com uma área de 500 Hectares; c) Estação Arqueológica da Pumbala, localizado a NNE do Alto Catumbela, 14° 46' E – 12° 45' S, com uma área de cerca de 900 Hectares.

Outros sítios arqueológicos de referência identificados em Benguela

a) Pintura Rupestre de Tchitandalúcia

Património arqueológico localizado na periferia, a NE da sede comunal do Dombe Grande (S12°55'012''; E013°10'088''), ocupando uma área de 1.200 hectares. É uma caverna cársica, que sofre continuamente a acção erosiva (dissolução) das águas pluviais que ocorrem no período das chuvas.

Logo na entrada, se observa a simples vista, duas figuras geométricas a que se associa a designação de pinturas rupestres de Tchitandalúcia. Os estudos realizados neste sítio arqueológico permitiram pôr em evidência a existência de numerosos aglomerados de material lítico ou concentrações de superfície, que apresentam importantes características, pois permitiu identificar prováveis unidades de produção lítica e organizar o trabalho de relevo e estudo do material lítico, à partir de um conjunto, relativamente homogéneo.

O material arqueológico identificado, é constituído por bifaces, lascas e núcleos, sendo a matéria-prima de origem exógena, o que permite deduzir que todo o conjunto da Tchitandalúkua não foi só uma oficina, mas, também, uma fonte de matéria-prima para a indústria lítica local.

b) Palácio do Canto

Monumento de grande valor histórico, inventariado e localizado na comuna do Dombe Grande, no bairro do Canto, origem do nome. A sua construção é de barro com adornos em mármore, de beleza espectacular, com paredes levantadas à custa de mão-de-obra escrava local. Pela sua estrutura arquitectónica, data do início do século XIX, aparenta ser residência da mais alta entidade aristocrática da época, por causa a sua magnífica estrutura, compartimentos, acabamentos e a sua localização geográfica estratégica. O Palácio do Canto fica a quilómetros do forte do Cambongue Inglês. Um tinha a função de quartel-general “Cambongue” e outro como o lugar da realeza “Canto”. O seu estado actual de conservação é de ruínas em degradação contínua.

c) Forte do Cambongue Inglês

Monumento inventariado, de grande valor histórico na região, localizado na comuna do Dombe Grande, no bairro com o mesmo nome. Fontes consultadas indicam ter sido construído pelo Ingleses a custa da mão-de-obra escrava local nos finais do século XVIII e início do século XIX para armazenar e comercializar escravos. Esta obra de arquitectura foi construída de barro (adobe), apresentando paredes com cerca de 1,40 metros de espessura e dividida por compartimentos. O Forte encontra-se no ponto mais elevado do morro, com uma visão ampla para diversos pontos e para o rio, que servia de bordo e transbordo do tráfico de escravos e estava rodeado por torres de vigilância e dividida por compartimentos. O património se encontra em degradação contínua, em Ruínas. Alguns trabalhos de arqueologia tiveram seu início no ano de 1982, más, foram cancelados devido a falta de condições entre os quais recursos financeiros e equipamentos adequados para o trabalho de prospecção (campo).

d) Gruta do Sambú (Pinturas Rupestres)

Localizado no município da Ganda, a gruta de pinturas rupestres do Sambú foi descoberta em 1973. Até ao momento não existe registo documental publicado. Em Abril de 2013, uma equipa de técnicos do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela em parceria com a Université Paris 1 Panthéon Sorbonne (Manuel Gutierrez, MCF (Maître de Conférences), fizeram um trabalho

de levantamento fotográfico das figuras rupestres através de quadrículas adaptadas para situações e superfícies não regulares. Fez-se também o estudo agrupado das figuras, estudo comparativo e por fim a contagem de todas as figuras. O seu estado de conservação é péssimo, pois a população achou por bem carregar as figuras sobrepondo-as e acrescentando outras. Acto que já foi proibido pela equipa do museu por se tratar de um património que deve ser protegido. Cabe destacar que recentemente, no dia 19 de Junho, foi realizado uma excursão de estudo de campo integrado pelo grupo técnico do Museu Nacional de Arqueologia, com a presença do Arqueólogo Manuel Gutierrez investigador da Universidade de Sorbonne (França) e dos estudantes e professores do Curso de História (cadeira de arqueologia) do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED de Benguela). O objectivo do estudo foi precisamente, constatar o grau de conservação das pinturas rupestres na perspectiva de proteger este património singular.

#### Estado actual dos Complexos e Estações Arqueológicas

Actualmente a museu têm sérias dificuldades em proteger os complexos arqueológicos. Praticamente todos carecem de uma área de protecção (muro ou cerca) para evitar evasões do espaço. Neste sentido, já foram feitas unúmeras propostas aos órgãos competentes da gestão pública provincial e nacional sem obter qualquer resposta satisfatória. Por um lado, se verifica em alguns sítios arqueológicos, a exploração de recursos minerais como inertes, pedras e até mesmo a exploração do mármore no (Uche). Também temos o problema da acupação ilegal de terrenos (sítios arqueológicos) para construções. Se observa por outro lado, a venda de terrenos pelas administrações locais sem saber que estes lugares, são patrimonio cultural registado em Diário da República, o que constitui um grande atropelo a lei. O caso mais crítico, foi o empresário Aderito Areias que ocupou o Complexo Arqueológico da Cachama em pleno trabalho de escavações arqueológicas, alegando ser detentor do espaço. A direcção do museu mostrou o decreto em Diário da República que legaliza e dá título de património más, infelizmente, ele alegou ter comprado o espaço antes da Lei, sem no entanto, ter exibido um documento comprovativo. Resultado: O complexo está ocupado e, perdemos desta forma, um complexo (património) rico

pela sua especificidade, e até agora, o museu não recebeu nada que justifica a titularidade do terreno, simplesmente o cidadão, ergueu um muro, instalou sua empresa no complexo de grande valor científico.

De momento, o Dungo é um dos únicos complexos arqueológicos activo no Município de Benguela, porém em risco eminente de ocupação, pois não está protegido com cerca. Os demais, encontram-se praticamente invadidos pela população, facto que constitui um grande golpe para os estudos de arqueologia em Angola e para o arqueturismo em Benguela. Urge reorientar as políticas, leis e normas para proteger e reaver estes patrimónios que devem ser colocados a favor do conhecimento científico e do desenvolvimento local das comunidades de destino, pela via do turismo histórico-cultural, no caso específico, do turismo arqueológico ou arqueturismo; um producto-serviço turístico potencial, que pode ser valorizado para rentabilizar economicamente parte considerável das estações arqueológicas e os sitios referenciados.

#### Roteiro do Arqueturismo na Província de Benguela

De acordo com a importância científico-cultural, estado e grau de conservação das estações arqueológica e sítios, se apresenta o quadro síntese do roteiro identificado e recomendado.

**Quadro 1: Roteiro do Arqueturismo em Benguela**

<b>Nº</b>	<b>Atractivo (Estação)</b>	<b>Características</b>
1	Museu Nacional de Arqueologia	O Museu Nacional de Arqueologia têm um grande valor simbólico, científico e cultural, pois nesta estrutura arquitectónica se realizam vários estudos e projectos de arqueologia da província e de país. Conserva por outro lado, uma série de artefactos, objectos e material bibliografico de interesse para a pesquisa.

2	Estação Arqueológica do Dungo (XIII)	Se tratar de uma nova estação com grande potencial arqueológico, com evidencia de muitas ossadas (dentes fossilizados), vertebras, conchas e material litico. Têm um grande potencial para prospeção pedestre e para quem gosta de explorar.
3	Estação Arqueologica da Chitandalukua	Localizado no Dombe Grande, este lugar singular, foi de facto, uma oficina neolitica a céu aberto, por cima do morro com a mesma denominação. A gruta com o mesmo nome, tem à entrada, a representação de duas pinturas rupetres, ainda não identificadas.
4	Palácio do Canto e Cambongue Inglês	Localizados no Município do Dombe Grande, trata-se de duas residências com uma beleza arquitectonica ímpar e detalhada, típica do tempo do domínio invasão inglesa e do comércio de escravos. Estrategicamente edificadas e protegidos por um forte com vista, por um lado o Rio e outro o mar que facilitava a troca de mercadorias e o comércio de escravos. Pretende-se começar com trabalhos de escavações arqueológicas no local.
5	O Forno do Uche	Situado na região do Uche em Benguela, foi o primeiro forno de queima de cal. Por tratar-se de uma zona com muito material minerio, foi na época o local ideal para exploração e transformação de matéria prima para uso na construção civil.

**Fonte:** Elaboração própria (2021)

## CONCLUSÕES

Existe em Angola, um amplo e diversificado património arqueológico que podem ser potenciados para o arquoturismo ou turismo arqueológico, entre os quais cabe destacar Nbanza Kongo (Zaire), Tchitundo Hulo (Namibe), Dungo (Benguela) e outros lugares de referência. Porém, todo este património-atractivos não são vistos como recursos turisticos. Neste sentido, existe a

necessidade de estudos, projectos e programas de divulgação e promoção destes lugares, como recurso turístico. Este processo, requiere a adopção de uma política e planificação de estratégias e accões, orientadas a incorporar os sítios arqueológicos acessíveis, na oferta do turismo cultural dos municípios donde estes se localizam, e transformá-los como “produto turístico” principal ou complementar.

Não existem acções concretas para a reabilitação e/ou requalificação do património cultural local com potencial vocacionado para o turismo histórico-cultural. Alguns dos lugares identificados se encontram em degradação contínua, carentes de infraestruturas de apoio para a actividade turística, sendo urgente a instalação de condições sanitárias e outros serviços afins. É urgente reorientar as políticas, leis, normas e acções para proteger e/ou reaver parte destas estações arqueológicas degradadas (ocupadas) em vias de extinção, pois os mesmos, devem ser colocados a favor do desenvolvimento local através do do turismo arqueológico; um producto turístico potencial que deve ser valorizado e rentabilizado economicamente, aproveitando racionalmente as inúmeras estações arqueológicas e sítios localizados na província de Benguela.

Na prática, quase todas as estações arqueológicas e sítios registados, podem ser visitadas em função do interesse de cada um, sobretudo para os arqueólogos e investigadores afins. Porém, cabe destacar, que as principais estações arqueológicas e que devem ser inseridos a curto e/ou médio prazo no roteiro do Arquoturismo em Benguela, são nomeadamente: o Museu Nacional de Arqueologia, a Estação Arqueológica do Dungo, a Estação Arqueológica de Tchitandalúcia, o Palácio do Canto-Cambongue Inglês e o Forno do Uche. De qualquer forma, todos lugares, requerem intervenção na perspectiva de transformá-los em visitáveis (acessos e condições sanitárias e serviços afins).

É indispensável a formação e a capacitação dos recursos humanos locais em turismo cultural, hospitalidade, diversificação das opções de lazer e na melhoria no atendimento, com criação de catálogos, desdobráveis e de roteiros turísticos culturais locais e regionais. A modo de síntese, é prioritário e urgente formar gestores com competências em turismo cultural; dos sítios arqueológicos com base no desafio de evitar seu deterioro perservando-os e se orientar o uso,

a favor do desenvolvimento do turismo histórico-cultural sustentável em benefício das comunidades locais de destino.

## REFERENCIAS

Bandeira, M. F. (2009): “El turismo en la región litoral central de Angola: : Análisis y valoración de las potencialidades locales”. Tesis Doctorales. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Laguna. Tenerife, España.

Bandeira, M. F. (2018): “Potencial turístico do Dombe Grande, Baía Farta, Benguela em Angola”. Novas Edições Académicas.

Everdrosa, C. (1974): Arqueologia Angolana. Ministério da Educação. República de Angola.

Falcão, L. A.; Tavares, A. G.; Kiyotani, I. (2018): “Arqueoturismo: repensando o turismo nas Itacoatiras do Ingá”-PB. Caderno Virtual de Turismo, Volume 18, Nº. 2:104-120, Rio de Janeiro (agosto).

Fançony dos Santos, F. R. (2021): “Catálogo do Museu Nacional de Arqueologia”. (Material Inédito) Benguela.

Manzato, F. (2007): “Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico”. Revista Passos, Volume. 5 Nº 1:99-109.

Manzato, F. y Rejowski, M. (2004): “Considerações sobre o turismo arqueológico ou arqueoturismo no Brasil”. Anais do II Seminário de pesquisa em turismo no Mercosul.

Manzato, F. y Rejowski, M. (2007): “Turismo cultural. Evaluación del potencial turístico de sitios arqueológicos”. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 16:72-95.

Moreno Melgarejo, A. e Sariego López, I. (2017): “Relaciones entre Turismo y Arqueología: el Turismo Arqueológico, una tipología turística propia”.

Ortega López, D. e Collado Moreno, Y. (2018): “Arqueoturismo un fenómeno en auge? Reflexiones acerca del turismo arqueológico en la actualidad en España”. Revista Passos, Nº 3:599-615. España.

Tresserras, J. J. (2004): “El arqueoturismo o turismo arqueológico: un paso más para la valorización del patrimonio arqueológico”. Portal

Iberoamericano de Gestión Cultural. *Gestión Cultural* Nº 9: Turismo  
Arqueológico.

## ANEXOS

### Estação Arqueológica do Tchitundo Hulo (Namibe)



Entrada e imagens do interior (Fonte: <https://www.google.com/...>, 30/6/2021).

### Estação Arqueológica do Dungo (Benguela)



Vista parcial da Estação Arqueológica do Dungo, técnicos do Museu em actividade durante uma aula de campo com estudantes do curso de História do Departamento de Ciências Sociais do ISCED de Benguela.



Ruínas do Cambongue Inglês, Pinturas Rupestre de Tchitandalúcia e Ruínas do Palácio do Canto (Dombe Grande).



Trabalho de escavação na Estação Arqueológica de Cachama (Baía Farta), Pintura rupestre de Sambú (Ganda) e Forno do Uche (Benguela).